

# O TEMPO

## Artes visuais



[Salvar Link](#)

## Memórias, fluxos e ciclos

### Nydia Negromonte lança neste sábado, na Vila 211, o título “D.U.C.T.O”, que contempla 15 anos de sua trajetória artística

Por

Carlos Andrei Siquara

06/05/17 - 03h00

Sobre uma grande mesa de madeira, Nydia Negromonte dispôs um conjunto de hortaliças cobertas com argila crua para compor a obra “Posta”, exibida na 30ª edição da Bienal de São Paulo, em 2012. Ao longo do tempo, rachaduras surgiram sobre a superfície dos alimentos, e enquanto alguns murchavam e apodreciam, outros se modificavam em brotos, cujas hastes verdes sinalizavam a continuidade da vida ali, resistindo.

A ideia de ciclo é um dos aspectos possíveis de serem identificados nesse trabalho da artista, que está entre os primeiros mostrados no livro “D.U.C.T.O”, a ser lançado neste sábado (6) na Vila 211. O título contempla 15 anos da trajetória artística da artista peruana radicada em Belo Horizonte, comentados em textos críticos, e, em vez de se basear num enfoque cronológico, o volume é alinhavado por temáticas e materiais recorrentes em sua pesquisa.

“Eu penso, às vezes, na imagem do mar, que constantemente leva as coisas e depois as traz de volta, por meio do movimento das marés. Acho que no processo criativo acontece algo semelhante. Você também pode levar coisas para sua pesquisa, e, passado um tempo, elas retornam. Esse foi um aspecto que eu percebi quando estávamos trabalhando na conexão entre os trabalhos que estão presentes nesse livro”, conta Nydia.

Ao lado dela, os artistas e designers Marcelo e Marconi Drummond desenvolveram o projeto editorial que apresenta uma diversidade de criações, a exemplo de fotografias, desenhos e instalações. Para Nydia, “D.U.C.T.O” se oferece como uma espécie de exposição permanente de suas obras e é também uma oportunidade para estimular diálogos e compartilhar parte dos seus processos.

“O momento de abertura das mostras é muito interessante, extremamente prazeroso, mas ali, muitas vezes, não dá tempo de estabelecer uma conversa. E eu gosto muito de falar do que me motiva a conceber meus trabalhos. Eu sinto que o livro pode cumprir um pouco esse papel de provocar alguns diálogos, e acho que ele pode funcionar como se eu estivesse abrindo um pouco a casa, o meu ateliê”, diz.

Embora tenha iniciado o seu percurso com o desenho, linguagem em que se especializou na Escola de Belas Artes da UFMG e aprimorou nas aulas de Amílcar de Castro, Nydia abarca uma multiplicidade de suportes. De acordo com Marcelo Drummond, o desafio foi pensar maneiras de articular esse vasto repertório.

“A poética que ela estabelece se dá ora nos materiais, ora nos dispositivos. Ela não só desenha, faz pintura, instalação ou propõe ações, mas transita com muita liberdade por várias possibilidades artísticas, sem ficar muito refém de nenhuma delas. Acho que ela faz uso de maneira bastante fluida desses dispositivos artísticos”, observa ele.

Um dos critérios de organização apontado por Drummond, que se define como uma espécie de tradutor gráfico, foi a própria noção de fluxos, a seu ver, bastante ligado às experiências artísticas de Nydia. Afinal, em suas criações, a artista faz uso constante da água, seja para dar consistência à argila em “Posta” ou para vertê-la numa pia ou em chuveiros, como aconteceu em “Hídrica: Episódios II”, montada na Bienal, e cuja primeira versão foi mostrada em sua exposição no Museu de Arte da Pampulha, também em 2012.

“A água é um elemento vital no trabalho da Nydia e é também algo fundamental na construção do projeto gráfico do livro. A água se relaciona muito com a ideia de ducto, que traz a imagem de um canal e de fluxos. Não lidamos aqui, contudo, com a ideia de um canal que se constitui numa linha reta. Mas que se divide em bifurcações, trifurcações, podendo fazer conversões à direita ou à esquerda”, pontua. “O livro busca fazer fricções e permitir que o leitor possa passear da página 46 para a 92, voltando à 15, a fim de estabelecer relações”, completa Drummond.

**Memórias.** Outro ponto ressaltado por ele são as memórias, que surgem mais evidentes em trabalhos como “Lição de Coisas” e “Jasmim do Cabo”. Em ambos, Nydia parte de álbuns de família para conceber narrativas, que, por sua vez, não gravitam apenas em torno de uma dimensão pessoal e almejam alcançar um referencial coletivo. “Eu utilizo muitas fotos do meu álbum de família (‘Lição de Coisas’), mas isso não me leva a discorrer sobre minha própria história”, comenta ela.

Isso, para a artista, contribui para evitar um discurso nostálgico. “Embora me alimente desses dados biográficos, acho que toda essa carga emotiva fica muito mais nas pessoas que têm suas lembranças ativadas, às vezes, pelas situações e pelos objetos”, diz Nydia.

### Saiba mais

O lançamento do livro “D.U.C.T.O.” vai acontecer neste sábado (6), a partir das 11h, na Vila 211 (rua Prof. Estevão Pinto, 211, Serra).

O título possui 212 páginas e é publicado pela editora Autêntica (R\$ 84). É ilustrado com 300 imagens das obras da artista acompanhadas de textos críticos publicados em versão bilíngue.

Entre os nomes que abordam a pesquisa dela figuram Stéphane Huchet, Renata Marquez e Maria Helena Bernardes.



(<https://www.otempo.com.br/assine-digital>).